O Homem Que Não Apertava Mãos

Stephen King

Stevens serviu drinques e, pouco depois das oito daquela frígida noite de inverno, quase todos o acompanhamos à biblioteca. Por algum tempo, ninguém disse nada; os únicos sons eram os do crepitar do fogo na lareira, o clique amortecido das bolas de bilhar, vindo do exterior, e os uivos do vento. Contudo, estava aquecido o suficiente ali dentro, no 2498 da Rua 35 Leste.

Recordo que David Adley estava à minha direita aquela noite e Emlyn McCarron, que certa vez já nos contara uma história aterrorizante sobre uma mulher que dera à luz em circunstâncias inteiramente incomuns, estava à minha esquerda. Além dele encontrava-se Johanssen, com seu Wull Street Jonrnal dobrado no colo.

Stevens aproximou-se com um pequeno embrulho branco e o estendeu a George Gregson, sem qualquer vacilação. Stevens é o mordomo perfeito, apesar de seu leve sotaque de Brooklyn (ou, talvez, por causa dele), porém seu maior atributo, ao que me conste, é sempre saber para onde deve ir o embrulho, se ninguém perguntar por ele.

George o tomou sem nenhum protesto e ficou imóvel por um instante em sua poltrona-bergère, olhando para o fogo na lareira, esta grande o bastante para assar um boi de bom tamanho. Vi seus olhos adejarem momentaneamente pela inscrição entalhada na base: É A HISTÓRIA, NÃO QUEM A CONTA.

Ele abriu o embrulho com seus dedos velhos e trêmulos, atirando o conteúdo ao fogo. Por um instante, as chamas transformaram-se em um arco-íris e houve um murmúrio de risos. Virando-me, vi que Stevens estava em pé bem atrás, junto às sombras ao lado da porta para o saguão. Ele tinha as mãos cruzadas atrás das costas. Seu rosto permanecia cautelosamente fosco.

Suponho que todos nos sobressaltamos um pouco, quando sua voz áspera, quase rabugenta, rompeu o silêncio; sei que eu me assustei.

- Certa vez, vi um homem ser assassinado bem nesta sala - disse George Gregson - embora nenhum jurado condenasse o matador. Contudo, no fim ele próprio condenou-se - e foi seu próprio executor!

Houve uma pausa, enquanto ele acendia o çachimbo. A fumaça vagou à volta de seu rosto enrugado em grande quantidade azulada, e ele sacudiu o fósforo de madeira com os gestos lentos e declamatórios do homem cujas articulações lhe doem terrivelmente. Jogou-o dentro da lareira, onde ele aterrou sobre os remanescentes em cinza do embrulho. George Gregson espiou as chamas carbonizarem a madeira. Seus agudos olhos azuis ficaram pensativos, abaixo das espessas

sobrancelhas grisalhas. Seu nariz era comprido e adunco, os lábios finos e firmes, os ombros encovados, quase até a parte traseira do crânio.

- Não nos deixe em suspenso, George! -grunhiu Peter Andrews. - Conte de uma vez!

- Eu contarei. Tenha calma.

Restou-nos apenas esperar, até que ele houvesse fumado seu cachimbo com plena satisfação. Quando o grande fornilho de urze apresentou um belo leito de brasas, George dobrou sobre um joelho as grandes mãos ligeiramente paralisadas, e disse:

- Pois muito bem. Estou com oitenta e cinco anos e o que ocorreu aconteceu quando eu tinha vinte e poucos. De qualquer modo, foi em 1919 e acabara de voltar da Grande Guerra. Minha noiva havia morrido cinco meses antes, de influenza. Tinha apenas dezenove anos, e receio ter bebido e jogado cartas mais do que deveria. Ela ficara esperando dois anos, compreendam, e durante esse período, recebi fielmente uma carta a cada semana. Talvez possam entender por que sucumbi a tal ponto. Eu não tinha crenças religiosas, achava os dogmas e teorias gerais do cristianismo algo cômicos, quando nas trincheiras, e não possuía uma família que me apoiasse. Assim, posso afirmar, com segurança, que os bons amigos que me acompanharam durante esse período de provação raramente me deixaram. Eram cinqüenta e três amigos (mais do que possui a maioria das pessoas!): cinqüenta e duas cartas de baralho e uma garrafa de uísque Cutty Sark. Eu passara a morar nos mesmos aposentos em que hoje resido, na Rua Brennan. Contudo, então eram muito mais baratos e havia um número consideravelmente menor de vidros de remédios, pílulas e panacéias enchendo as prateleiras. A maior parte de meu tempo, no entanto, era passada aqui, no 249B, porque sempre podia encontrar um jogo de pôquer.

David Adley o interrompeu e, embora sorrisse, não creio que estivesse brincando, em absoluto.

- E Stevens já estava presente, George?

George se virou para o mordomo.

- Seria você ou seu pai, Stevens?

Stevens permitiu-se a ligeira sombra de um sorriso.

- Como 1919 foi há mais de sessenta e cinco anos atrás, acredito que fosse meu avô, senhor.

salivo.

- Devemos então admitir que esse posto está no sangue -disse Adley, pen-

- É como diz, senhor - replicou Stevens, delicadamente.

- Agora que penso nisso -falou George -é notável a semelhança entre você e seu... seu avô, não, Stevens?

- É o que me dizem, senhor.

- Se os dois fossem colocados lado a lado, eu teria dificuldades em afirmar quem era quem... porém isso é irrelevante, não?

- Perfeitamente, senhor.

- Eu me encontrava na sala de jogos - bem depois daquela mesma portinha acolá - jogando paciência, da primeira e única vez que vi Henry Brower. Éramos quatro, já dispostos a jogar pôquer; esperávamos apenas um quinto jogador para completar a mesa. Quando Jason Davidson me disse que George Oxley, nosso usual quinto. companheiro, havia quebrado a perna e estava de cama, com ela engessada e pendurada em uma engenhoca de polias, pareceu que não teríamos qualquer jogo aquela noite. Eu contemplava a perspectiva de encerrá-la sem mais nada para desviar meus pensamentos da mente, além da paciência e de uma quantidade de uísque que me embotasse o cérebro, quando o sujeito no outro lado da sala disse, em voz clara e agradável:

- Se os cavalheiros falavam de pôquer, eu apreciaria muito tomar parte, caso não façam objeção.

"Ele estivera enterrado atrás de um exemplar do World de Nova York até então, de modo que quando ergui os olhos, foi a primeira vez que o vi. Era um rapaz de rosto velho, se entendem o que digo. Algumas das marcas que vi naquele rosto, começava a ver também no meu, desde a morte de Rosalie. Algumas - não todas elas. Embora o indivíduo não devesse ter mais do que vinte e oito anos, a julgar pelos cabelos, mãos e maneira de caminhar, seu rosto parecia marcado pela experiência, e os olhos, que eram muito escuros, mostravam mais do que tristeza; eram como que obcecados. Ele tinha uma excelente aparência, com um pequeno bigode em ponta e cabelos louros dando para escuro. Usava um terno marrom de bom corte e afrouxara o botão do colarinho alto.

- Meu nome é Henry Brower - apresentou-se ele.

" Davidson cruzou a sala imediatamente, a fim de apertar-lhe a mão. De fato, dava a impressão de que ia tomar a mão que Brower descansava no colo. Então, aconteceu algo estranho: Brower largou o jornal e ergueu as duas mãos, mantendo-as fora de alcance. A expressão em seu rosto era de puro horror.

"Davidson estacou, bastante confuso, mais perplexo do que zangado. Tinha apenas vinte e dois anos - Céus, como éramos jovens naquele tempo! -e era um tanto mimado.

"- Perdoem-me - disse Brower, com absoluta seriedade - mas nunca aperto mãos!

" Davidson pestanejou.

- Nunca? - exclamou. - Oh, mas que singular! E por que não?

"Bem, eu já lhes disse que ele era algo mimado. Brower recebeu a pergunta da melhor maneira possível, com um sorriso aberto, embora um tanto perturbado.

- Acabo de voltar de Bombaim - explicou. - É uma cidade com excesso de população, suja, cheia de doenças e pestilência. As aves de rapina se pavoneiam e passeiam pelas próprias muralhas da cidade aos milhares. Estive lá durante dois anos, em uma missão comercial, e pareço ter tomado horror ao nosso costume ocidental de apertar mãos. Sei que sou tolo e descortês, mas não consigo dominar-me. Portanto, se tiver a bondade de perdoar-me e não guardar rancor...

- Somente com uma condição - disse Davidson, sorrindo.

- Qual seria?

- A de que viesse para a mesa e bebesse uma dose do uísque de George, enquanto vou convocar Baker, French e Jack Wilden.

"Brower sorriu para ele, assentiu e deixou o jornal de lado. Davidson fez um gesto impetuoso, unindo o polegar e o indicador em círculo, e saiu para ir buscar os outros. Eu e Brower caminhavamos para a mesa forrada de feltro verde e, quando lhe ofereci um drinque, ele declinou com um agradecimento, pedindo sua própria garrafa. Desconfiei que aquilo tivesse algo a ver com sua estranha mania, mas nada disse. Conheci homens, cujo pavor a micróbios e doenças foram muito além disso... como muitos de vocês.

Houve assentimentos de concordância.

- É bom estar aqui - disse-me Brower, com ar pensativo. - Tenho sentido falta de companhia, desde que voltei de meu posto. Não é bom para um homem ficar sozinho, compreenda. Acredito que, mesmo para o indivíduo mais auto-suficiente, ficar isolado dos semelhantes deve ser a pior forma de tortura!

"Ele disse isso com uma ênfase toda peculiar e eu assenti, porque já experimentara essa solidão nas trincheiras, geralmente à noite. Tornava então a experimentá-la, ainda mais aguda, após saber da morte de Rosalie. Vi-me simpatizando com ele, a despeito de sua autoproclamada excentricidade.

- Bombaim deve ser um lugar fascinante - falei.

- Fascinante... e terrível! Lá existem coisas com que nem sonha a nossa filosofia. A reação deles aos veículos motorizados chega a ser engraçada: as crianças fogem quando eles se aproximam, para depois os seguirem durante quarteirões. Acham o avião aterrorizante e incompreensível. Naturalmente que nós, os americanos, encaramos tais engenhos com absoluta equanimidade - até mesmo complacência! - mas afirmo que minha reação foi a mesma que a deles, quando pela primeira vez observei um mendigo de esquina engolir todo um pacote de agulhas de aço, para em seguida puxá-las, de uma em uma, pelas feridas abertas na ponta de seus dedos. Isso, no entanto, é algo que os nativos daquela parte do mundo aceitam com toda naturalidade.

- Talvez - acrescentou ele, com ar sombrio - as duas culturas nunca pretendessem fundir-se, mas manter para si mesmas suas separadas maravilhas. Para um americano, como eu ou o senhor, engolir um pacote de agulhas resultaria em morte lenta e terrível. No entanto, em relação a um automóvel...,

"Brower deixou a frase em suspenso, enquanto uma expressão triste e soturna lhe vinha ao rosto. Eu me dispunha a falar, quando Stevens, o avô, apareceu com a garrafa de uísque para meu companheiro e, logo atrás dele, chegavam Davidson e os outros. Davidson prefaciou as apresentações, dizendo:

- Já falei a eles sobre sua pequena mania, Henry, de modo que não há o que temer. Este é Darrel Baker, o barbudo de ar terrível é Andrew French e, por último, embora não menos importante, Jack Wilden. George Gregson você já conhece.

"Brower sorriu e assentiu para todos eles, em vez de lhes apertar as mãos. Fo-

-am trazidos três baralhos novos e fichas de pôquer, o dinheiro foi trocado por fi:has, e o jogo começou.

"Jogamos por umas seis horas e ganhei cerca de duzentos dólares. Darrel Baker, que não jogava muito bem, perdeu cerca de oitocentos (e não que sentisse o prejuízo; seu pai era dono de três das maiores fábricas de sapatos na Nova Inglaterra), e os demais dividiram equitativamente comigo as perdas de Baker. Davidson ganhara uns dólares a mais e Brower uns a menos, mas para Brower aquilo foi uma façanha, já que suas cartas haviam sido excepcionalmente ruins, pela maioria da noite. Ele era destro, tanto na maneira tradicional de pedir cinco cartas, como na variedade mais recente do jogo, em que todas as cartas, exceto a primeira, são dadas a descoberto. Cheguei a pensar que, por várias vezes, Brower ganhara dinheiro por meio de astutos blefes, que eu próprio hesitaria em tentar.

"Houve uma coisa que percebi: embora bebesse muito - quando French se preparou para dar a última rodada, ele já esvaziara quase uma garrafa inteira de uísque - sua fala não se alterava em absoluto, seu jogo nunca vacilou e persistiu a sua curiosa fixação sobre o toque de mãos. Quando ganhava um bolo de apostas, ele jamais o tocava, caso alguém tivesse marcações ou troco, inclusive se "ficara limpo" e ainda com fichas para contribuir. Certa vez, quando Davidson colocou o copo perto do cotovelo dele, Brower

recuou abruptamente, quase derrubando a própria bebida. Baker pareceu surpreso, mas Davidson deixou aquilo passar, sem fazer comentários.

"Momentos antes, Jack Wilden havia dito que horas mais tarde, naquela manhã, teria de ir até Albany, de maneira que só ficaria por mais uma rodada. Então, chegou a vez de French cartear e ele pagou para ver, com sete cartas.

"Posso recordar aquela mão final tão claramente como meu próprio nome, embora precise concentrar-me para dizer o que almocei ontem ou quem me acompanhou na refeição. Suponho que sejam os mistérios da idade, mas acho que se qualquer um de vocês estivesse lá, também recordaria como eu.

"Eu estava com duas cartas de copas viradas e uma a descoberto. Não poso falar sobre Wilden ou French, mas o jovem Davidson tinha o ás de copas e Brower o dez de espadas. Davidson apostou dois dólares - cinco era o nosso limite - e as cartas rodaram novamente. Pedi copas para firmar uma quadra. Brower ficou com um valete de espadas, para combinar com o seu dez. Davidson estava com um terno, que não pareceu melhorar sua mão, mas ainda assim, apostou três dólares.

- É a última rodada! - exclamou alegremente. - Sejam generosos, rapazes! Há uma dama que gostaria de sair da cidade comigo, amanhã à noite!

"Acho que eu não acreditaria em um adivinho, se ele me dissesse com que freqüência este comentário me perseguiria, nos momentos mais peculiares, até a data de hoje.

"French distribuiu nossa terceira rodada de cartas descobertas. Meu flush não me ajudou em absoluto, mas Baker, que era o grande perdedor, conseguiu casar alguma coisa - reis, suponho. Brower conseguira um duque de ouros, mas

isso não pareceu adiantar muito. Baker apostou o limite em seu par, e Davidson prontamente o superou em cinco. Todos continuaram no jogo, sendo distribuída nossa última carta descoberta. Fiquei com o rei de copas, para completar meu fush, Baker recebeu uma terceira quê combinou com seu par e a Davidson coube um segundo às, com o que seus olhos cintilaram. Brower conseguiu uma dama de paus e, juro para vocês, não entendi por que continuou jogando, pois suas cartas pareciam tão ruins, como as obtidas naquela noite.

"As apostas começaram a ficar um pouco mais firmes. Baker apostou cinco, Davidson colocou mais cinco, Brower aceitou o desafio.

- Não creio que meu jogo seja suficientemente bom -disse Jack Wilden e desistiu.

"Eu aceitei os dez e apostei outros cinco. Baker fez o mesmo.

"Bem, não vou cansá-los com uma descrição ponto por ponto. Direi apenas que havia um limite de três apostas por homem. Eu, Baker e Davidson, cada um por sua vez, aceitamos cada aposta e a elevamos em cinco dólares, a cada três vezes. Brower apenas aceitava cada aposta e a elevava, tomando a cautela de esperar até que todas as mãos estivessem desembaraçadas das apostas, antes de arriscar seu dinheiro. E ali havia um

bocado de dinheiro - pouco mais de duzentos dólares - quando French distribuiu nossa última carta coberta.

"Houve uma pausa enquanto todos checávamos, embora de pouco valesse para mim; estava com minha mão e, pelo que podia ver na mesa, era boa. Baker apostou cinco, Davidson aumentou e esperamos para ver o que Brower faria. O rosto dele estava ligeiramente corado pelo álcool. Já tirara a gravata e desabotoara um segundo botão da camisa, mas parecia absolutamente calmo.

- Aceito... e aposto cinco - disse ele.

"Pestanejei um pouco, pois tinha certeza de que ele ia desistir. No entanto, as cartas em minha mão me diziam que eu devia jogar para ganhar, de maneira que apostei cinco. Jogávamos sem qualquer limite para o número de apostas que um jogador podia fazer sobre a última carta, de maneira que o bolo cresceu maravilhosamente. Fui o primeiro a parar, satisfeito em apenas pagar para ver, em vista dafii(! hand que tinha, cada vez mais e mais seguro da mão que os outros possuiriam. Baker foi o seguinte a parar, pestanejando desconfiadamente, enquanto seus olhos iam do par de ases de Davidson para o mistificador refugo em poder de Brower. Baker não era o melhor jogador do mundo, porém bom o suficiente para farejar algo no vento.

"Entre ambos, Davidson e Brower apostaram pelo menos mais dez vezes, talvez até mais ainda. Eu e Baker fomos envolvidos, não querendo abandonar nossos grandes investimentos. Nós quatro havíamos ficado sem fichas, de maneira que agora, sobre elas, assentavam-se notas esverdeadas.

- Bem, -disse Davidson, em seguida à última aposta de Brower. - Acho que pago para ver. Se esteve blefando, Henry, saiu-se muito bem. De qualquer modo, você está por baixo e Jack tem uma longa viagem pela frente amanhã.

"Com isto, ele colocou uma nota de cinco dólares sobre a pilha.

- Estou pagando para ver - disse ele.

"Não sei quanto aos outros, mas eu senti um nítido alívio, que pouco tinha a ver com a grande soma de dinheiro que já arriscara. O jogo estava se tornando implacável e, embora eu e Baker pudéssemos suportar um prejuízo, se fosse o caso, Jason Davidson não podia. No momento, ele estava em dificuldades, vivendo dos rendimentos de ações - não uma grande quantidade - que uma tia lhe legara. E Brower - até onde suportaria o prejuízo? Lembrem-se, senhores, de que a esta altura, havia mais de mil dólares sobre a mesa.

George fez uma pausa. Seu cachimbo se apagara.

- E então, o que aconteceu? - perguntou Adley, inclinando-se para diante. - Não nos torture, George! Estamos todos sentados na borda das cadeiras. Derrube-nos delas ou ponha-nos sentados decentemente!

- Tenham paciência - disse George, imperturbável.

Apanhou outro fósforo, riscou-o na sola do sapato e sugou seu cachimbo. Esperamos ansiosamente, em silêncio. Lá fora, o vento guinchava e fustigava os beirais. Quando o cachimbo acendeu-se e tudo pareceu em ordem, George prosseguiu:

- Como sabem, segundo as regras do pôquer, o homem -que paga para ver, deve ser o primeiro a mostrar suas cartas. Contudo, Baker estava ansioso para encerrar a tensão; virou uma de suas três cartas, com o que formou um four de reis.

- Não dá para mim - falei. - Um,/lush.

- Acabei com você-disse Davidson para Baker, enquanto mostrava duas de suas cartas viradas. Dois ases, formando um.four. - Muitíssimo bem jogado...

"Davidson estendeu a mão para recolher a dinheirama da mesa.

- Um momento! - exclamou Brower.

"Ele não estendeu o braço para tocar a mão de Davidson, como a maioria teria feito, porém sua voz foi o bastante. Davidson fez uma pausa para olhar e sua boca caiu - realmente caiu aberta, como se todos os músculos houvessem virado água. Brower havia virado todas as três cartas que tinha cobertas, revelando um straight.flush, do oito à dama.

- Creio que isto derruba seus ases, não? - perguntou polidamente.

"Davidson ficou vermelho, depois pálido.

- Derruba - disse lentamente, como se descobrisse o fato pela primeira vez. - Sim, tem razão.

"Eu daria tudo para saber qual a motivação de Davidson para o que houve em seguida. Ele estava a par da extrema aversão de Brower em ser tocado, o homem já dera isso a entender e cem maneiras diferentes aquela noite. Talvez apenas Davidson houvesse esquecido, em seu desejo de mostrar a Brower (e a todos nós) que podia suportar a perda e mesmo aceitar aquela grande reversão com esportividade. Já disse que ele tinha algo de criança mimada, de modo que tal gesto poderia fazer parte de seu caráter. Enfim, era como um inofensivo cãozinho. Só que, cãezinhos também agridem quando provocados. Não são matadores -um filhote

não saltará para a garganta do adversário, mas muita gente já levou pontos nos dedos, por irritar um cãozinho além das medidas, com um chinelo ou um osso de borracha. Da maneira como me lembro de Davidson, isto também devia ser parte de seu caráter.

"Eu daria, não sei como dizer, daria qualquer coisa para saber... mas acho que o único importante são os resultados.

"Quando Davidson afastou as mãos do bolo de apostas, Brower estendeu as suas para apanha-lo. Nesse instante, o rosto de Davidson iluminou-se com uma espécie de rude

simpatia e, pegando a mão de Brower em cima da mesa, sacudiu-a firmemente.

- Brilhante jogada, Henry, foi simplesmente brilhante. Acredito que nunca já tinha...

"Brower o interrompeu com um grito agudo, um grito feminino, que soou aterrador em meio ao silêncio da sala de jogos, enquanto puxava rapidamente a mão. Fichas e dinheiro cascatearam por todos os lados, quando a mesa oscilou e quase emborcou.

" Ficamos todos imobilizados ante a súbita reviravolta dos fatos, incapazes de qualquer gesto. Brower afastou-se da mesa, cambaleando, com a mão estirada à sua frente, parecendo uma versão masculina de Lady Macbeth. Estava pálido como um cadáver, e o espantoso terror em seu rosto está além de meu poder de descrição. Senti um sacolejo de pavor me tomar por inteiro, algo como jamais sentira antes, nem mesmo ao me entregarem o telegrama com a notícia da morte de Rosalie.

' `Então, ele começou a gemer. Era um som oco, terrível, enigmático. Recordo que pensei, Ora, o homem está totalmente louco; depois ele disse a coisa mais estranha: "O interruptor... Deixei o interruptor do carro ligado... Oh, Deus, sinto tanto!" A seguir, Brower quase voou pelos degraus da escada que leva ao saguão principal.

"Fui o primeiro a refazer-me. Saltei de minha cadeira e corri atrás dele, deixando Baker, Wilden e Davidson sentados em torno da grande quantia de dinheiro que Brower havia ganho. Eles pareciam estátuas incas entalhadas, guardando um tesouro tribal.

"A porta da fachada ainda oscilava de um lado para outro. Quando disparei para a rua, vi Brower em seguida, parado à beira da calçada e olhando inutilmente por um táxi. Ao ver-me, ele se encolheu tão miseravelmente, que não pude deixar de sentir pena, mesclado de espanto.

- Ei! - chamei. - Espere! Lamento o que Davidson fez e posso garantir que não foi proposital. Enfim, se você quer ir embora por causa daquilo, tem todo o direito, mas deixou muito dinheiro para trás e deve leva-lo.

- Eu nunca devia ter vindo - resmungou ele. - Contudo, estava tão desesperado, tão necessitado de companhia humana que... que...

"Sem refletir, estirei a mão para toca-lo - o gesto mais elementar de um ser humano para outro que esteja angustiado - mas Brower recuou, exclamando:

- Não me toque! Um não é o bastante? Oh, Deus, porque eu simplesmente não morro?

" De repente, seus olhos se iluminaram como que febricitantes, ao avistar um vira-lata esquelético, de pelo coçado e ralo, que procurava alcançar a calçada do outro lado da rua deserta, àquela hora da madrugada. A língua do animal pendia para fora da boca e ele caminhava apoiando-se cautelosamente em apenas três pernas. Imagino que estivesse em busca de latas de lixo onde alimentar-se.

- Aquele lá podia ser eu -disse Brower pensativamente, como se para si mesmo. - Rejeitado por todos, forçado a seguir sozinho e aventurar-se apenas quando qualquer

outra criatura viva está em segurança, atrás de portas trancadas. Cão pária!

- Ora, vamos - falei, algo consternado, porque suas palavras tinham um toque de melodramático. - Você certamente sofreu algum choque e, sem dúvida, aconteceu algo que deixou seus nervos em mau estado, mas quando estive na Guerra, vi mil coisas que...

- Não acredita em mim, não é mesmo? -exclamou ele. -Pensa que estou tomado por algum tipo de histeria, não é?

- Escute, amigo, realmente não sei por que está tomado, mas sei que se continuarmos aqui fora, neste ar úmido da noite, ambos pegaremos uma gripe. Enfim, se não se importa em voltar para dentro comigo - pelo menos até o saguão, se quiser - eu pedirei a Stevens para...

"Os olhos dele estavam alucinados o bastante para que eu ficasse francamente inquieto. Naquelas pupilas não restara qualquer sombra de lucidez e ele me fez recordar os psicóticos com fadiga de combate, que vira serem removidos da linha de frente em carroças: invólucros de homens, com terríveis olhos apáticos, parecendo vigias para o inferno, murmurando e tremendo.

- Gostaria de ver como um proscrito reage a outro? - perguntou ele, como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu dissera. - Pois dê uma espiado e veja o que aprendi em portos de escala estrangeiros!

'`De repente, ele levantou a voz e chamou, imperiosamente:

- Cão!

"O cão ergueu a cabeça, olhou para ele desconfiado, os olhos girando (um cintilou com furiosa selvageria; o outro estava coberto por uma catarata), e subitamente mudou de direção e se aproximou coxeando, relutante, enquanto cruzava a rua ao encontro de Brower.

"Ele não queria vir, isso era bastante óbvio. Ganiu, rosnou e enfiou entre as pernas a corda ensebada que era sua cauda. Entretanto, acabou vindo. Foi direto aos pés de Brower e então se deitou sobre o ventre, ganindo, encolhendo-se e tremendo. Seus lados emaciados afundavam e expandiam-se como um fole e seu olho sadio girava horrivelmente na órbita.

"Brower deu uma hedionda e desesperada gargalhada, que ainda ouço em meus sonhos, e agachou-se junto ao cão.

- Está vendo? - disse. - Ele me conhece como um de sua espécie... e sabe o que lhe trago!

"Brower estendeu a mão para o animal, que deixou escapar um lúgubre e rosnado uivo, depois mostrando os dentes.

- Não! - exclamei prontamente. - Ele vai mordê-lo!

"Brower não ligou. À claridade do poste de luz, seu rosto estava lívido, medonho, os olhos eram como buracos negros, carbonizados.

- Tolice - respondeu. - Tolice. Só quero apertar mãos com ele... como fez seu amigo comigo!

" De repente, ele ergueu a pata do cão e a apertou. O animal emitiu um horrível ruído uivante, porém não fez qualquer gesto para mordê-lo.

"Brower levantou-se abruptamente. Seus olhos pareciam ter clarc,ado de algum modo e, a não ser pela excessiva palidez, poderia ter sido novamente o homem que, da maneira mais cortês possível, oferecera-se para participar de nosso jogo, nas primeiras horas da noite.

- Vou embora agora - disse, em voz quieta. - Por favor, desculpe-me com seus amigos, diga a eles que sinto muito ter agido como um tolo. Talvez tenha oportunidade para... redimir-se, em outra ocasião.

- Nós é que lhe devemos uma desculpa - falei. - E esqueceu o dinheiro? Passa de mil dólares.

- Oh, sim! O dinheiro! -exclamou ele, enquanto a boca se curvava no sorriso mais amargo que já testemunhei.

- Não precisa vir até o saguão-falei. -Se prometer ficar esperando aqui, eu lhe trarei o dinheiro. Fará isso?

- Claro - respondeu ele. - Esperarei, se é o seu desejo. - Ele fitou pensativamente o cão que gania aos seus pés. - Talvez ele queira ir comigo e ter uma refeição decente, por uma vez em sua vida miserável...

" Brower tornou a exibir aquele sorriso amargo. Afastei-me antes que ele mudasse de idéia e fui ao andar debaixo. Alguém, talvez Jack Wilden, que sempre fora uma pessoa metódica, trocara todas as fichas por notas e empilhara o dinheiro cuidadosamente, no centro do pano verde. Nenhum deles falou, quando apanhei o dinheiro. Baker e Jack Wilden fumavam em silêncio; Jason Davidson estava cabisbaixo, fitando os pés. Seu rosto era um quadro de desgosto e vergonha. Toquei-lhe o ombro ao voltar para a escada e ele me olhou com gratidão.

"Quando voltei à rua, encontrei-a absolutamente deserta. Brower já se fora. Fiquei lá, com um punhado de notas esverdeadas em cada mão, olhando inutilmente para os dois extremos da rua, mas nada se moveu. Chamei uma vez, para o caso dele estar parado nas sombras, perto dali, mas não houve resposta. Então, olhei casualmente para baixo. O vira-lata continuava ali, mas seus dias de vistoriar latas de lixo haviam terminado. Estava morto. Pulgas e carrapatos abandonavam seu corpo, em colunas que marchavam. Recuei, repugnado, mas também cheio de um estranho, fantástico terror. Tive o pressentimento de que Henry

Brower ainda não saíra de minha vida, e assim foi, embora nunca mais voltasse a vê-lo.

O fogo na lareira havia morrido para pequenas e frágeis chamas, enquanto o frio começava a esgueirar-se das sombras, porém ninguém se moveu nem falou, até George tornar a acender seu cachimbo. Ele suspirou, cruzou as pernas de novo, fazendo as velhas juntas estalarem, e recomeçou a falar.

- Nem preciso dizer que os outros participantes do jogo foram unânimes quanto a devermos encontrar Brower e entregar-lhe o dinheiro. Penso que alguns talvez nos julgassem insanos por agirmos assim, mas aquela era uma época de mais honorabilidade. Davidson estava muito abatido, quando foi embora; tentei chamá-lo a um lado e oferecer-lhe algumas palavras de consolo, mas ele apenas abanou a cabeça e saiu, arrastando os pés. Deixei que se fosse. As coisas lhe pareceriam diferentes, após uma noite de sono, e iríamos procurar Brower, juntos. Wilden precisava sair da cidade e Baker tinha que fazer algumas "excursões sociais". Pensei que seria uma boa forma de Davidson recuperar parte do amorpróprio.

' `Entretanto, ao voltar ao seu apartamento, na manhã seguinte, ele ainda não se levantara. Eu poderia tê-lo acordado, mas Davidson era um homem jovem e resolvi deixá-lo passar a manhã dormindo, enquanto eu descobria alguns fatos elementares.

"Vim aqui, antes de mais nada, e conversei com Stevens...

George se virou para Stevens e ergueu uma sobrancelha.

- Com meu avó, senhor - disse Stevens.

- Obrigado.

- Não tem de que, senhor.

- Conversei com o avô de Stevens. Falei com ele no lugar exato em que Stevens se encontra agora, para ser verdadeiro. Ele disse que Raymond Greer, um sujeito a quem eu conhecia de vista, havia falado sobre Brower. Greer fazia parte da comissão mercantil da cidade e fui imediatamente a seu escritório, no Edifício Flatiron. Encontrei-o lá e ele veio falar comigo em seguida.

"Quando lhe contei o sucedido na noite anterior, seu rosto se encheu de uma mescla de piedade, tristeza e medo.

- O pobre e velho Henry! -exclamou. - Eu sabia que isso acabaria acontecendo, porém nunca pensei que fosse tão depressa.

- De que está falando? - perguntei.

- De seu colapso - disse Greer. - Tudo começou a partir daqueje ano passado em Bombaim e suponho que ninguém jamais saberá de toda a história, além do próprio Henry. De qualquer modo, eu lhe contarei o que puder.

"A história que Greer desenrolou para mim aquele dia, em seu escritório, só aumentou minha simpatia e compreensão. Tudo indicava que, infelizmente, Henry Brower se vira envolvido em verdadeira tragédia. E, como em todas as clássicas tragédias do palco, ela nasceu de um descuido fatal - no caso de Brower, do esquecimento.

"Como membro do grupo de comissão mercantil em Bombaim, ele desfrutava do uso de um automóvel, uma real raridade no lugar. Greercomentou que Brower sentia um prazer quase infantil em dirigi-lo através das ruas estreitas e becos da cidade, assustando galinhas em enormes bandos cacarejantes e fazendo com que homens e mulheres caíssem de joelhos, apelando para seus deuses pagãos. Ele rodava com aquele carro por todo canto, atraindo grande atenção e compactas multidões de crianças maltrapilhas, que o seguiam mas sempre recuavam timidamente ao lhes ser oferecida uma carona naquela máquina maravilhosa, o que ele constantemente fazia. O automóvel era um Ford Modelo-A, com carroceria de caminhão, um dos primeiros veículos a dar partida ao motor, não somente através de uma manivela. porém ao toque de um botão. Peço-lhes que se lembrem disto.

"Certo dia, Brower partiu com seu carro para um lugar muito afastado da cidade, um dos altos poobatrs locais, esperando conseguir possíveis consignações de corda de juta. Atraiu a atenção costumeira, quando a máquina Tórd trovejava e espoucava através das ruas, soando como uma barragem de artilharia em movimento - e, naturalmente, as crianças o seguiram.

' `Brower jantaria com o fabricante de juta, uma ocasião de grande cerimônia e formalidade. Mal haviam chegado ao segundo prato, sentados em um terraço ao ar livre, acima da rua movimentada, quando o familiar tiroteio, o rugido tossido do automóvel soou abaixo deles, acompanhados por gritos e guinchos estridentes.

"Um dos garotos mais audaciosos - filho de um obscuro homem santo tinha-se esgueirado para o interior do carro, convencido de que fosse qual fosse o dragão escondido debaixo do capô de ferro, não despertaria sem o homem branco sentado atrás do volante. E Brower, preocupado com as próximas negociações, deixara o interruptor ligado e a faísca retardada.

" Pode-se imaginar o garoto ganhando audácia ante os olhos dos companheiros, enquanto tocava o espelho, segurava o volante e emitia o ruído do motor em movimento. A cada vez que ele zombava do dragão debaixo do capô, deve ter aumentado o temor respeitoso no rosto dos outros.

"Seu pé deve ter pisado no pedal da embreagem, talvez em busca de apoio, quando ele apertou o botão de partida. O motor estava quente, deve ter dado sinal de vida prontamente. Em seu extremo terror, o menino talvez reagisse afastando imediatamente o pé da embreagem, pronto para pular do automóvel. Se o carro fosse mais velho ou estivesse em piores condições, o motor teria morrido. Contudo, Brower cuidava dele escrupulosamente. de maneira que o carro saltou para diante. em uma série de arremetidas e ruidosos sacolejos. Brower mal chegou em tempo de ver isto, ao correr para fora da casa do fabricante de juta.

"O engano fatal do menino poderia ter resultado em pouco mais do que um acidente. Talvez, em sua movimentação para sair, um cotovelo tenha esbarrado acidentalmente no acelerador de mão. Ou talvez ele o houvesse puxado, com a apavorada esperança de ser assim que o homem branco asfixiava o dragão, pondo-o para dormir. Seja como for... aconteceu. O carro ganhou uma velocidade suicida e arremeteu pela rua congestionada e cheia de gente, saltando sobre trou-

xas e fardos, esmagando as gaiolas de vime do mascate de animais, estraçalhando uma carroça de flores até deixá-la em pedaços. O automóvel rugiu ladeira abaixo, em direção à esquina da rua, saltou para cima da calçada, chocou-se contra um muro de pedras e explodiu em uma bola de fogo.

George fez o cachimbo deslizar de um lado da boca para o outro.

- Foi tudo quanto Greer me contou, porque Brower nada mais lhe havia dito que fizesse sentido. O restante foi uma espécie de confusa arenga sobre a loucura de suas culturas tão díspares, que jamais se mesclavam. Evidentemente, o pai do menino morto enfrentou Brower, antes que este fosse chamado de volta, e atirou nele uma galinha estrangulada. Houve uma praga...

"Neste ponto, Greer sorriu para mim. Seu sorriso dizia que ambos éramos homens do mundo. Acendendo um cigarro, ele comentou:

- Sempre há uma praga, quando acontece uma coisa deste tipo. Os pagãos miseráveis precisam manter as aparências a todo custo. Trata-se do seu ganhapão.

- Qual foi a praga? - perguntei.

- Pensei que adivinharia - disse Greer. - O wallait disse a ele que, quando um homem faz feitiçaria contra uma criança, deveria tornar-se um pária, um proscrito. Então, afirmou a Brower que qualquer coisa tocada por ele com as mãos, morreria. Para sempre e eternamente, amém - finalizou Greer, com uma risadinha abafada.

- Bower acreditou nisso?

"Greer achava que sim.

- Lembre-se de que ele havia sofrido um choque terrível. E agora, pelo que consta, sua obsessão aumentou, em vez de acabar.

- Poderia dar-me seu endreço?

"Greer verificou em seus arquivos e finalmente o encontrou.

- Não garanto que o encontre aí -disse. - As pessoas sentem uma relutância natural em empregá-lo e, que eu saiba, ele não anda muito bem de dinheiro.

"Senti uma onda de culpa ao' ouvir isto, porém nada falei. Greer parecia um pouco bombástico e presunçoso para meu gosto, não merecendo a menor informação que eu

tivesse sobre Henry Brower. Entretanto, ao levantar-me, algo me impeliu a dizer:

- Vi Brower apertar as patas de um vira-lata esta noite. Quinze minutos depois, o cão estava morto.

- É mesmo? Que interessante!

" Ele ergueu as sobrancelhas, como se o comentário nada tivesse a ver como que havíamos discutido. Eu me dispus a sair e ia apertara mão de Greer, quando a secretária abriu a porta de seu gabinete.

- Perdão, mas o senhor é o Sr. Gregson?

"Respondi que era.

- Um homem chamado Baker acabou de telefonar. Pediu-lhe que vá ao número vinte e três da Rua 19, imediatamente.

"Aquilo me deixou assustado, porque já estivera nesse endereço uma vez

nesse dia - era onde morava Jason Davidson. Quando deixei o gabinete de Greer, ele acabava de retornar a seu cachimbo e ao The Wall Street Journal. Nunca mais torneia vê-]o e isso não significou qualquer perda para mim. Naquele momento, eu me sentia tomado por um medo muito específico - do tipo que jamais se cristaliza inteiramente em um medo real, com um objeto fixo, porque é demasiado terrível, inacreditável demais, para ser levado em consideração.

Aqui, eu lhe interrompi a narrativa. - Pelo amor de Deus, George! Não vai nos dizer que ele estava morto?

- Foi exatamente o que aconteceu - replicou George. - Cheguei quase na mesma hora em que a perícia policial. Sua morte foi registrada como uma trombose coronária. Faltavam dezesseis dias para ele completar vinte e três anos.

"Nos dias que se seguiram, tentei convencer-me de que tudo havia sido uma perversa coincidência, que seria melhor esquecer. Não pude dormir bem, inclusive com a ajuda de meu bom amigo "Sr. Cutty Sark". Dizia a mim mesmo que a coisa a fazer seria dividir o bolo de apostas da noite anterior entre nós três e es-

quecermos que Henry Brower um dia cruzara nossas vidas. Contudo, era impossível. Assim, preferi encher um cheque com aquela soma e fui ao endereço fornecido por Greer, que ficava no Harlem.

"Ele não morava mais lá. Seu novo endereço era no East Side, em um bairro ligeiramente pior, embora de respeitáveis prédios com fachada em arenito pardo. Brower deixara aqueles alojamentos um mês antes do jogo de pôquer e agora vivia no East Village, uma área de edifícios arruinados.

"O zelador do prédio, um homem esquelético com um enorme mastim negro rosnando

em seus joelhos, informou que Brower se mudara a três de abril - um

dia após o nosso jogo. Solicitei seu novo endereço. Ele jogou a cabeça para trás e emitiu um ruído chiado que, aparentemente, funcionava como gargalhada.

- O único endereço que eles dão quando saem daqui, é o inferno, chefe. Enfim, algumas vezes fazem uma parada no Bowery, a caminho de lá.

"Naquela época, o Bowery era o que, hoje, só acreditam ser os que moram fora da cidade; moradia dos sem-lar, a última parada para os homens sem rosto que só se preocupam com outra garrafa de vinho barato ou outra pitada do pó

branco que prova longos sonhos. Fui lá. Naqueles dias, havia dúzias de casasde-cômodos, algumas missões benevolentes que aceitavam bêbados para pernoite e centenas de becos onde um homem poderia esconder um velho colchão, pululando de piolhos. Vi punhados de homens, todos eles pouco mais do que meros envoltórios, decorados pela bebida e pelas drogas. Nomes não eram conhecidos nem usados. Quando um homem afunda ao nível de um porão derradeiro, com o fígado apodrecido pelo álcool de madeira, o nariz uma ferida aberta e purulenta pelo cheirar constante de cocaína e potassa, os dedos ulcerados pelo frio, dentes apodrecidos até se tornarem tocos enegrecidos -um homem não precisa mais de nome. Contudo, descrevi Henry Brower a todos os homens que vi, sem obter res-

posta. Balconistas de bar abanavam a cabeça e davam de ombros. Os outros apenas olhavam para o chão e continuavam andando.

"Não o encontrei naquele dia, no seguinte, nem no outro. Duas semanas passaram e então falei a um homem que me informou sobre um indivíduo semelhante haver estado nos Quartos Devarney's, três noites antes.

"Fui até lá; ficava apenas a dois quarteirões da área que eu estava cobrindo. O homem na portaria era um ancião enrugado, com uma calva soltando peles, olhos purulentos e brilhantes. Os quartos para alugar eram anunciados na vidraça suja pelas moscas em uma janela dando para a rua, a um dime por noite. Repeti-lhe minha descrição de Brower, com o velho assentindo o tempo todo. Quando terminei, ele disse:

- Eu o conheço, meu jovem. Conheço-o bem. Contudo, não consigo recordar bem... Minha memória fica bem mais lúcida quando vejo um dólar.

" Dei-lhe um dólar, que ele fez desaparecer rapidamente, apesar de sua artrite.

- Ele esteve aqui, meu jovem, mas já se foi.

- Sabe para onde?

- Não me lembro bem - disse o velho - mas creio que minha cabeça ficaria melhor, se eu visse um dólar.

" Dei-lhe uma segunda nota, que desapareceu tão prontamente como a primeira. A esta

altura, algo pareceu ocorrer-lhe como sendo francamente engraçado, de maneira que uma tosse rangente e tubercular lhe saiu do peito.

- Já teve sua diversão -falei -e foi muito bem paga. Agora, quero que me diga: sabe onde este homem se encontra?

"O velho tornou a rir deliciadamente.

- Sim, a vala dos indigentes é sua nova residência; seu contrato de aluguel tem duração da eternidade e o Diabo é seu companheiro de quarto. Como pode gostar desses tipos, meu jovem? Ele deve ter morrido a qualquer hora da manhã de ontem, porque quando o encontrei, ao meio-dia, ainda estava morno e tinha cores. Sentado empertigado junto à janela, era bem como estava. Fui até lá, para cobrar seu dime por mais uma noite ou mostrar-lhe a porta da rua. Quando acaba, a cidade é que lhe mostrou sete palmos de terra.

"Isto provocou-lhe outro acesso desagradável de alegria senil.

- Havia alguma coisa fora do comum? - indaguei, sem ousar refletir bem na importância da pergunta. - Algo anormal?

- Acho que me lembro de qualquer coisa assim... Vejamos...

" Dei-lhe mais um dólar para avisar sua memória, mas desta vez o dinheiro não causou hilaridade, embora sumindo à mesma velocidade anterior.

- Sim, passou-se algo muito estranho - afirmou o velho. - Já tenho chamado os tiras vezes suficientes para saberdisso. Sagrado Coração de Jesus, como precisei chamá-los! Já encontrei esses sujeitos pendurados da bandeira da porta, encontrei-os mortos na cama, encontrei-os do lado de fora, na escada de incêndio, em janeiro, com uma garrafa entre os joelhos congelados e tão azuis como o Atlântico. Cheguei a encontrar um que se afogara na pia, embora tenha sido há uns

trinta anos. Só que este de agora - sentado empertigado, com seu terno marrom, parecendo um endinheirado da cidade, os cabelos bem penteados... Bem, ele segurava o pulso direito com a mão esquerda, segurava sim. Já vi de todas as espécies, porém ele foi o único que vi se cumprimentando, apertando a própria mão.

"Saí dali e caminhei todo o trajeto até as docas, enquanto as últimas palavras do velho pareciam girar e girarem meu cérebro, como um disco, engasgado em um único sulco. Ele,foi o único que 0 apertando a própria mão.

" Andei até o final de um dos embarcadouros, lá onde a água cinzenta e terrosa lambe os pilares incrustados. Então, piquei aquele cheque em mil pedacinhos, que atirei à água.

George Gregson remexeu-se na cadeira e pigarreou. O fogo se extinguira, restando apenas brasas relutantes, enquanto o frio se esgueirava para o interior da deserta sala de jogos. As mesas e cadeiras pareciam espectrais e irreais, como móveis vislumbrados em um sonho, onde passado e presente se fundiam. As chamas destacaram as letras

entalhadas na platibanda da lareira, com fosca luminosidade alaranjada: É A HISTÓRIA, NÃO QUEM A CONTA.

- Eu só o vira uma vez, mas foi o suficiente, porque nunca mais o esqueci. Contudo, serviu para que encerrasse meu próprio período de carpir, pois qualquer homem que pode caminhar entre seus semelhantes, não se encontra inteiramente só.

"Se trouxer meu casaco, Stevens, acho que vou caminhando até em casa-há muito passou da minha hora de ir para a cama.

Quando Stevens lhe trouxe o casaco, George sorriu e apontou para a pequena verruga, logo abaixo do canto esquerdo da boca do mordomo.

- Francamente, a semelhança é mesmo notável -seu avô tinha uma verruga nesse exato lugar.

Stevens sorriu e nada disse. George saiu. Nós, os restantes, fomos saindo logo depois dele.